

# Correio Braziliense entrevista representante da Onu Mulheres no Brasil

**(Senado Federal, 02/06/2016)** O jornal Correio Braziliense, na edição do dia 29 de maio, publicou a entrevista “Preocupação internacional”, com comentários e reflexões da representante da ONU Mulheres no Brasil, Nadine Gasman.

No artigo, a médica afirma, em relação aos recentes casos de estupro no Rio de Janeiro e no Piauí, que “a cultura do estupro é fruto da construção de uma sociedade machista e sexista em que o homem é formado com a ideia de que é superior e isso faz com que ache que tem direitos sobre as mulheres, inclusive sobre o corpo delas”.

[Clique aqui e leia a matéria](#)

## >> entrevista NADINE GASMAN

A representante da ONU Mulheres no Brasil afirma que o país, apesar de ter leis exemplares, ainda é muito violento com a mulher

# Preocupação internacional

» LEONARDO FERNANDES  
ESPECIAL PARA O CORREIO

**R**eferência mundial na luta pela igualdade de gênero, Nadine Gasman diz estar preocupada com a situação da mulher no Brasil. Em entrevista ao Correio, ela comenta que os recentes casos do Rio de Janeiro e do Piauí são uma barbárie, mas os números da violência contra a mulher, em que 50 mil casos de estupro são notificados por ano, mostram que o país tem muitos problemas a resolver. E Nadine destaca um subregistro grande porque as mulheres têm medo de denunciar.

Especialista em assuntos da

mulher desde 2000, a médica destaca que a cultura do estupro é fruto da construção de uma sociedade machista sexista, em que o homem é formado com a ideia de que é superior e isso faz com que ache que tem direitos sobre as mulheres, inclusive, sobre o corpo delas. "Você precisa que homens e mulheres pensem a igualdade como um direito."

Apesar de reconhecer que o Brasil tem construído bem uma política nacional de combate à violência contra as mulheres nos últimos 10 anos, com a criação do Disque 180 e da Lei Maria da Penha, Nadine afirma que é muito importante seguir trabalhando na consolidação desse caminho.



**Temos 50 mil casos de estupro por ano notificados no Brasil, 5 mil assassinatos. É uma situação em que há muita violência contra as mulheres"**

**Quais são os principais desafios na luta pela igualdade de gêneros?**

Temos muitos desafios. Entre os mais importantes, estão o combate à violência contra as mulheres, incrementar a participação política das mulheres e criar condições para a autonomia econômica delas. Fazendo um resumo, é criar um planeta 50/50, onde tenhamos a igualdade entre homens e mulheres.

**Por que a cultura do estupro ainda existe?**

Isso é produto da construção social machista sexista. Uma forma pela qual a sociedade tem posto diferenças entre homens e mulheres. Essa ideia de que os homens são superiores, têm mais direitos, são melhores, que vem da cultura patriarcal, tem desenvolvido quase como que uma consequência que é a situação em que

os homens acham que as mulheres estão para eles, que têm direito sobre elas, inclusive sobre o corpo e a sexualidade delas. Isso é o que desenvolve a cultura do estupro.

**Como o Brasil é visto hoje no mundo em relação à violência contra a mulher?**

O Brasil é parte de um mundo que é violento contra as mulheres. A situação hoje chama atenção por esses casos bárbaros de estupro de uma menina de 16 anos por 33 homens no Rio de Janeiro e de uma no Piauí por cinco homens e postados nas redes sociais. Isso chama atenção da imprensa internacional, mas temos 50 mil casos de estupro por ano notificados no Brasil, 5 mil assassinatos. Uma pesquisa recente mostra que 86% das mulheres, quase todas, têm sofrido assédio na rua. É um problema muito grave.

**E como mudar isso?**

O mais importante é entender que igualdade de gênero se constrói desde o pessoal até o social. Então, você precisa que homens e mulheres pensem sobre a igualdade como um direito. Que os homens reflitam muito sobre eles e as mulheres serem iguais, combater os preconceitos. É necessário divulgação dentro das famílias e das escolas. A mídia tem um papel importante de falar sobre a igualdade, de trazer uma reflexão sobre relações igualitárias na sociedade e precisamos de políticas públicas e leis que reforcem um marco para essa mudança civilizatória.

**Em relação aos recentes casos no Rio de Janeiro e no Piauí, o governo está reagindo corretamente?**

Acho muito importante a reação do governo de ter um posicionamento, entender que é uma questão crítica. Temos que reconhecer que o Brasil tem construído e consolidado uma política nacional de combate à violência contra as mulheres por meio do pacto federativo, que tem 10 anos, e criou instrumentos muito fortes, como a Lei Maria da Penha e o Disque 180. Tem um caminho que tem sido reconhecido internacionalmente. Obviamente, é muito importante seguir trabalhando na

consolidação desse caminho, fortalecendo. Além de tudo que está lá, precisamos fortalecer as leis, melhorar a qualidade, trabalhar para que a Lei Maria da Penha, a do feminicídio e a da atenção às mulheres vítimas de violência sexual sejam implementadas na prática e tenham os recursos financeiros de que precisam.

**Com tantas medidas, o Brasil tem conseguido controlar a violência?**

Os dados que nós temos, em geral, têm se mantido. Ano passado diminuíram um pouco, mas os números ainda são muito altos e a situação tem de melhorar

muito. Nós também sabemos que, nos casos de estupro, existe um subregistro muito grande porque as mulheres não se sentem à vontade para denunciar, têm medo, desconfiança.

**Como a ONU Mulheres recebeu a notícia da extinção do ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos e da ausência de mulheres no primeiro escalão do governo do presidente em exercício Michel Temer?**

Tem sido uma grande preocupação da ONU Mulher que, no gabinete do atual presidente interino Temer, não tenha nenhuma mulher. O Brasil passou a ser um dos nove países do mundo que não tem mulheres no gabinete. Fazia mais de 30 anos que isso não acontecia. A gente está muito preocupado porque é um gabinete só de homens, brancos que não está representando a diversidade da sociedade. E a gente sabe, por experiência internacional, que você precisa ter todos os segmentos da sociedade. Além disso, o Brasil é signatário de instrumentos internacionais, como a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, e os próprios objetivos de desenvolvimento sustentável, que falam de incluir as mulheres nas lideranças políticas, nos governos, ministérios e escalões mais altos. E a ausência do ministério é outro motivo de preocupação. O Brasil passou a ter uma institucionalidade das mulheres muito mais baixa do que tinha e do que tem a maioria dos países da América Latina e do mundo.

**Acesse no site de origem: [Correio Braziliense entrevista representante da Onu Mulheres no Brasil \(Senado Federal, 02/06/2016\)](http://Correio Braziliense entrevista representante da Onu Mulheres no Brasil (Senado Federal, 02/06/2016))**